

Entrevista concedida ao Jornalista Carlos Marcelo Carvalho, publicada no Jornal Correio Braziliense em 07 de janeiro de 2006.

Carlos Marcelo Carvalho - Quando e por que você começou a escrever?

Alexandre Pilati - Vivi sempre cercado de livros, meus pais são grandes leitores; sempre me senti bem escrevendo e vi que, com certa dedicação, poderia publicar algo. Assim, escrever sempre foi trivial e necessário para mim. Ajudava a lidar com minhas inquietações. Publicar, entretanto, eu sabia: só valeria a pena com uma boa maturação do estilo, que acho que ocorreu no *sqs 120m2 com dce*.

CMC - Acredita em inspiração?

AP - Acho que sim, mas não vejo que a inspiração do poeta seja diferente da de qualquer trabalhador: advogado, mecânico ou professor. Essa idéia de gênio do poeta é muito romantizada. Normalmente descamba para a autopiedade e é sintoma de vaidade excessiva. Inspiração é parte de qualquer bom trabalho; quer se esteja escrevendo; quer se esteja cozinhando feijão. Mas é só parte: quem fica muito inspirado deixa o feijão queimar.

CMC - Qual o seu método de criação?

AP - Escrevo a partir de motivos que o cotidiano me oferece. Deixo aquilo maturando na cabeça, quase nunca anoto. Quando sento é para escrever. Aí, às vezes, vem o poema inteiro e depois precisa ser “domado”. Outras vezes vem uma parte, que pede seu complemento pela via reflexiva e matemática. Depois

é ler, reler, corrigir, até achar que não se fez muita besteira. Publico quando já estou de saco cheio daquilo que escrevi, e não publico nem um décimo do que escrevo.

CMC – Drummond ou Bandeira? João Cabral ou Vinícius? Por quê?

AP – Posso dizer apenas de minha relação pessoal com a obra de cada um. Bandeira e Vinícius foram minhas primeiras leituras “profissionais” de poesia. Cabral li muito: até decorar. De Drummond tinha medo, por isso resolvi enfrentá-lo em meu doutorado. Para brincar, posso fazer uma escala: Drummond é o mundo; Cabral, a poesia; Bandeira, o Brasil e Vinícius, um poeta.

CMC – Quem são os grandes poetas contemporâneos brasileiros? Por quê?

AP – Leo muita gente novíssima, nova e quase antiga. Vejo que a literatura está numa encruzilhada, povoada de canastrões e vendilhões. É difícil encontrar coisas realmente significativas. Mas elas existem. Entretanto, como o conceito de contemporâneo é muito elástico, fico com dois que são de uma geração já consolidada: Ferreira Gullar e Francisco Alvim. Fico com eles, pois acho que formam uma linha genealógica vigorosa com Drummond e Cabral, vozes de um Brasil inquietante.

CMC – A poesia sobreviverá à internet e ao século 21?

AP – Eu trabalho para isso, e vejo alguns autores tentando também. A literatura sobreviverá enquanto houver comprometimento com seu potencial emancipador. Escrever para vender ou ser aceito em academias é uma forma de fazê-la

perecer como experiência. A literatura deve atingir as exigências da vida, ou seja, atuar para desmascarar a fraude irrestrita em que a vida mergulha nessa altura do capitalismo, com o agastamento da cultura reflexiva.

CMC – Brasília é musa ou cárcere?

AP – Brasília é parte do que eu sou. Quero dizer com isso que ela é musa cínica e cárcere de luxo. O que mais me atrai nela é sua substância urbana, formada de modernismo e miséria, provincianismo e cosmopolitismo, que, de certa forma, tentei condensar no título do meu livro *sqs 120m² com dce*. Brasília evidencia a desfaçatez bem brasileira de quem vive “parasitando as unhas sujas do poder”. Tentei mimetizar isso no livro.

CMC – Você faz poesia brasiliense?

AP – Falo sobre Brasília e sou brasiliense. Se isso me faz um “autor de literatura brasiliense”, então aceito. Não fico preocupado com rótulos, preocupo-me apenas caso isso reduza o alcance do que escrevo. Meu livro é sobre Brasília, mas apenas no sentido de que ela faz parte do projeto de mundo ocidental. Como eu disse num poema: todos temos “a mesma idade de David Beckham”.

CMC – Por qual poema gostaria de ser (re)conhecido?

AP – Sinceramente meu problema não está em ser reconhecido ou conhecido, mas em produzir alguma coisa capaz de inquietar e propor interrogações sobre a vida. Com serenidade, reconheço que isso ainda não fiz; porém, desejo. Literatura é um direito, mas dos outros, dos leitores. Inclusive dos que hoje

estão alijados do mercado editorial, porque estão fora da educação formal e dos padrões mínimos de consumo. Um autor não deve colocar o que escreve a serviço de suas idiossincrasias, especialmente no Brasil.

CMC – Onde você quer chegar?

AP – Um poeta está sempre de passagem. Se chegar, morre, como poeta e como pessoa. Como poeta, agora que estou no 1º livro, quero chegar no 2º. Quando lá chegar, desejarrei o 3º e assim por diante. Se achar, entretanto, um dia desses, que não há mais nada para escrever, não tenho medo de dizer: chega, vamos fazer outra coisa. Como pessoa, sem hipocrisia, sem bravata, o que desejo mesmo é um mundo melhor para mais gente, e isso pode-se conseguir com ou sem poesia.